



Por Eva L. Corredor**

ELC Impressionada com o livro *Misplaced Ideas*,¹ começo perguntando sobre o papel de Lukács na elaboração dessa brilhante crítica do terceiro mundo e da cultura brasileira. Mesmo tendo passado pouco mais de 24 horas aqui, já deu para perceber que no Brasil Lukács está vivo e passa bem. Melhor que no hemisfério Norte. E já deu para entender por quê, embora esteja preparada para ouvir você dizer que as teorias dele também seriam “idéias fora do lugar” no Brasil. Então vou citar suas próprias palavras: “Meu trabalho seria impensável sem a – contraditória – tradição de Lukács, Benjamin, Brecht e Adorno, e sem a inspiração de Marx” (*Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1990, p. 13). Como Lukács vem primeiro, a pergunta é: quando e como você descobriu sua obra e que influência ela teve no desenvolvimento de suas próprias idéias?

RS Eu ouvi falar em Lukács em casa, ainda criança. Meus pais tinham assistido a suas palestras em Viena no início dos anos 20, quando ele foi para lá exilado da Hungria. Depois, quando estudante em

fins dos anos 50, eu li alguns de seus ensaios sobre literatura em duas publicações da Aufbauverlag, da Alemanha Oriental: *Schicksalswende* (*Viragem do destino*) e *Essays über Realismus* (*Ensaio sobre o realismo*). “Narrar ou descrever” foi o que mais me impressionou.

ELC As últimas obras primeiro!

RS É mesmo. Mas Lukács se tornaria uma presença importante no Brasil por volta de 1960, com a tradução francesa – edição pirata – de *História e consciência de classe*. Naquele período houve uma espécie de ressurreição do marxismo, um marxismo não-dogmático, ligado a uma rápida expansão industrial, que abriu caminho para uma luta viva e multifacetada contra o subdesenvolvimento, o imperialismo e, em última análise, contra o próprio capitalismo. Neste quadro, o grande Lukács do início dos anos 20 chegou como um estímulo oportuno, junto com o Sartre da *Crítica da razão dialética*. Esses livros foram lidos mais ou menos juntos, num espírito ao mesmo tempo subversivo em relação ao capitalismo e de oposição ao comunismo oficial, e foram decisivos na elaboração de uma corrente marxista independente. Era um processo que acontecia principalmente na Universidade de São Paulo e foi muito produtivo. Algumas das melhores obras recentes de História e Sociologia no Brasil datam daquela época e têm alguma inspiração lukacsiana.

ELC Você estudou no Brasil?

RS Estudei Ciências Sociais na Universidade de São Paulo.

ELC Então foi lá que você realmente conheceu a obra de Lukács?

RS Foi. Nesse período eu participei de um seminário sobre *O capital* de Marx. Ele era organizado por alguns professores jovens que permitiam a participação de estudantes como eu. Nós lemos os três volumes de *O capital* com bastante disciplina e isso mais ou menos nos preparou para perceber a importância de *História e consciência de classe*. Lukács nos ajudou a entender melhor a originalidade de Marx em relação às ciências sociais acadêmicas e à vulgata comunista.

ELC Nessa época algum texto de Lukács estava traduzido para o português?

RS Acho que não, mas na Universidade as pessoas liam em francês. Depois, no início dos anos 60, a facção anti-stalinista do Partido Comunista Brasileiro começou a traduzir e a publicar os ensaios de Lukács sobre literatura tentando levar o partido a uma linha de respeito à liberdade artística. Isto fazia parte da luta pela desestalinização. Lukács se tornou uma figura bastante conhecida nos estudos literários desse tempo. Seus ensaios, como “Narrar ou descrever”, entraram na moda e eram adotados em cursos na Universidade.

ELC Em seu trabalho a questão da identidade nacional parece ter um peso considerável. É o que pode ser chamado de “autoconsciência brasileira”. Você critica outros autores e até o PCB por terem tratado do problema de modo errado; por exemplo, por terem posto demasiada ênfase no imperialismo. Eu me pergunto se *História e consciência de*

* Ex-professor da Universidade de São Paulo e aposentado pela Universidade Estadual de Campinas.

** Entrevista realizada por Eva L. Corredor em 15 de agosto de 1994 para seu livro *Lukács after Communism: Interviews with Contemporary Intellectuals*. Durham, Duke University Press, 1997. *Literatura e sociedade* agradece ao entrevistado a autorização para reproduzi-la. Tradução de Iná Camargo Costa.

¹ Roberto Schwarz. *Misplaced Ideas*. Ed. John Gledson (London: Verso, 1992). As citações serão referidas do original em português “As idéias fora do lugar”, in, *Ao vencedor as batatas*, São Paulo, Duas Cidades / Ed. 34, 2001.



classe teria influenciado na sua elaboração de um ponto de vista crítico próprio que, mais do que qualquer outra crítica de esquerda brasileira, parece concentrar-se nas questões de “classe”.

RS A preocupação com a identidade nacional, um tópico poderosíssimo, normalmente era uma especialidade da direita no Brasil. A identidade nacional estava ligada à tradição e ao Brasil antigo, contra tudo o que fosse moderno, cosmopolita e internacional. Era um campo conservador. Meu interesse foi mudar seu lado, tomar para a esquerda esta trincheira conservadora e usá-la como arma contra o privilégio. No lugar das celebrações usuais, tentei lançar sobre ela um ponto de vista crítico. Eu não escrevo para valorizá-la nem para negá-la, mas para mostrar o conteúdo de classe que ela tinha, o conteúdo de classe que a envenenava. Assim, em certo sentido, meu trabalho é um balanço crítico das idéias correntes de identidade nacional.

ELC Em seu ensaio “Cultura e política no Brasil, 1964-1969” (in *O pai de família e outros estudos*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978) você critica o PC por dar toda a ênfase aos problemas causados pelo imperialismo e negligenciar os que decorrem das diferenças de classe.

RS É isso mesmo. Havia uma grande convergência entre o PC e o conservadorismo em matérias culturais por conta do nacionalismo e do anti-imperialismo. O ponto em comum era a hostilidade de ambos a tudo o que fosse moderno, o que era compreensível, já que num país atrasado tudo que é novo necessariamente aparece como estrangeiro. Os conservadores temiam a mudança social, os comunistas, a influência americana, e ambos sentiam-se mais à vontade com o Brasil tradicional e sua indecente estrutura de classe.

ELC E você estava entre os dois?

RS Eu criticava. Eu critico o PC desde os meus tempos de colégio.

ELC Mas Lukács também era crítico do PC e no entanto optou por ele como um mal menor que os conservadores de direita. Lukács falava muito da necessidade de “encontrar abrigo” no sentido em que você parece querer descobrir uma verdadeira autenticidade brasileira, um tipo de “imanência” brasileira – outro conceito tipicamente lukacsiano. Em que você pensa quando se refere a uma “necessidade interna”? Como você quer criar uma “existência não degradada”? Como você trabalha com isso? Qual é o seu método?

RS O tema da autenticidade também é conservador. Para os brasileiros, significa aquilo que não foi afetado pelos modernos desenvolvimentos estrangeiros. Só que se você se aprofundar na questão, vai descobrir que ela não tem substância. Na verdade, é a influência estrangeira sobre a geração precedente que agora parece nacional, autêntica, natural etc. E se nós dermos outros passos atrás, não vamos avançar para muito além disso. Vai ser preciso recuar bastante, até encontrar a única coisa autêntica, que é o mundo colonial, o menos afetado pelos modernos desenvolvimentos europeus, embora seja, obviamente, um desenvolvimento em si mesmo completamente euro-

peu e moderno. Assim, a busca da autenticidade, no sentido da pureza, não leva a nada. Mas pode servir como barreira contra tudo o que seja progressista, sobretudo no capítulo dos direitos civis. Para mim interessa, além de criticar o argumento dos conservadores, explicar por que ele tem tanto peso, por que no Brasil a influência moderna parece tão contrária à natureza. Nesse caso a explicação paradoxal é que os desenvolvimentos modernos não parecem artificiais porque são impostos ao povo, mas porque os pobres não têm acesso a eles. A chave para entender a lamentada falta de organicidade na cultura não é a presença dos desenvolvimentos estrangeiros, mas a estrutura social iníqua que aprofunda a segregação dos pobres, por isso produzindo um tipo de dualismo social. Portanto, o argumento sobre a autenticidade ou o exotismo da modernidade na América Latina acaba sendo um espelho distorcido de uma exclusão de classe histórico-mundial. Eu tentei virar a questão pelo avesso.

ELC Então não há interesse pela autenticidade do brasileiro pobre nem nos tempos coloniais nem nos modernos?

RS Como tentei explicar, essas preocupações têm dupla mão. São fatos ideológicos de peso, e funcionam principalmente para manter o pobre fora do progresso. O ponto de vista democrático, até onde entendo, não está comprometido com a pureza cultural, mas antes com os modos mais produtivos ou menos destrutivos pelos quais o pobre é “exposto” à modernidade internacional. Como se vê, também nesse ponto há entre os democratas preocupações que se poderiam tachar de paternalistas. Elas decorrem meio inevitavelmente do dualismo da própria estrutura social. Evidentemente, nesse meio há ainda muitas nuances. Mas é um fato que, depois que chegou a televisão comercial, a idéia de uma direção cultural responsável tornou-se uma fantasia sem proveito.

ELC Você sabe qual é a atual porcentagem de pobres na população do Brasil?

RS Isso depende da definição. As estatísticas oficiais dizem que há cerca de 30 milhões vivendo abaixo da linha de pobreza absoluta.

ELC Em que medida esses brasileiros funcionalmente pobres podem ser comparados ao conceito lukacsiano de proletariado, ou a situação é completamente diferente?

RS Eles devem ser comparados ao conceito de proletariado, mas para sublinhar a diferença. No Brasil tivemos mais ou menos o seguinte: nos anos 30 começa uma espécie de esforço de industrialização nacional que tem alguma semelhança com o que aconteceu nos países socialistas. Houve um amplo esforço, comandado pelo Estado, para industrializar e esse processo atraiu o povo do campo para a cidade. Era gente que vivia sob as condições coloniais e veio para a cidade para se incluir na força de trabalho. Mas a industrialização não aconteceu na escala nacional em que se esperava, ou que fora prometida, e por isso essa gente foi abandonada de mãos vazias. Eles perderam sua



integração anterior e não foram absorvidos pela indústria, de modo que se tornaram uma categoria social específica, a força de trabalho de uma industrialização que não se completou. Há um teórico alemão da modernização, Robert Kurz, que os designa por ex-proletariado-virtual, uma ampla massa de sujeitos monetários sem dinheiro.

ELC E o que eles estão fazendo? Como sobrevivem?

RS Uma vez que a industrialização presente não vai mais criar os empregos que prometia, eles vivem de todos os tipos de trabalho marginal, compra e venda informal, serviços informais, freqüentemente à margem da legalidade. Chamá-los de proletariado seria forçar demais a mão.

ELC Então a dialética hegeliana que Lukács adaptou para os tempos modernos não funciona?

RS Se você ficar preso aos termos clássicos, não.

ELC A relação senhor-escravo poderia ser vista no sentido em que há um senhor representado pelo burguês rico e o pobre estaria na outra ponta da escala, do lado dos explorados.

RS O ponto principal aqui, entretanto, é que a maior parte desses pobres não é realmente explorada no sentido pleno do capitalismo, embora eles evidentemente sejam vítimas do desenvolvimento capitalista. Por certo gostariam de ter um trabalho que lhes permitisse ser decentemente explorados pelo capital. Mas o capital não os quer. Se eles fossem explorados, estariam em situação melhor.

ELC Você disse que um grande número é viciado em drogas. Essa não é uma forma de exploração? Eu acho que nos Estados Unidos há uma exploração exercida pelos traficantes de drogas, há uma relação senhor-escravo entre grupos específicos.

RS Novamente, a dificuldade é que os pobres no Brasil nem mesmo são trabalho potencial do ponto de vista do investimento lucrativo. O capital não tem possibilidade nem intenção visível de explorá-los. Eles são simplesmente abandonados, o que é muito pior. Tudo o que eles fazem para ganhar a vida ou para se defender parece uma ameaça para a sociedade organizada. As duas forças que se interessam por eles são a igreja, que por sentimento cristão se preocupa com a miséria, e depois o próprio narcotráfico. Disseram-me que em termos numéricos este último não é relevante. Mas de qualquer maneira é certamente uma presença poderosa.

ELC Religião e drogas.

RS Isso. Em princípio o governo também deveria se interessar, pelo menos na medida em que significam votos. Mas o capital não precisa deles.

ELC Em suas tentativas de imaginar alguma ajuda ou mudança para o Brasil, você também diz para tomar cuidado com as ideologias alienígenas. Você alerta contra a imitação. Identifica como um dos maiores problemas do Brasil, que você considera trágico, a necessidade de imitar. Você diz: "Brasileiros e latino-americanos fazemos constan-

temente a experiência do caráter *postigo*, *inautêntico*, *imitado* da vida cultural que levamos" (Nacional por subtração, in *Que horas são?*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 29). Você fala de uma "cultura reflexa". Você também diz que "historicamente não existe isso a que se chama repetição" (Cultura e política, 1964-1969, in *O pai de família*, p. 86). Há bons modelos? Qual é o perigo das ideologias de esquerda? Qual o perigo de Lukács para o Brasil?

RS O ponto é que não sou contra a imitação, muito pelo contrário. Parece que isso não ficou claro no livro. Os alertas contra a imitação eram irônicos, são paródia das preocupações conservadoras com a integridade nacional. O que estou tentando explicar é outra coisa: *por que a cultura moderna é percebida como imitação no Brasil*. As razões estão profundamente ligadas à estrutura de classe e à história mundial e não têm nada a ver com uma via nacional "autêntica", que precisa ser preservada.

Imitação é uma palavra traiçoeira, desde que assumiu os tons românticos e lamentáveis de recusa a tudo o que não fosse original. Esse tipo de sentimento entrou numa aliança confusa com a situação ideológica em nossos países de independência recente e "complexo colonial". Qual era o contexto do argumento, que em certa medida e com algumas modificações ainda hoje está vivo? Havia um extrato superior ligado ao mundo moderno que se atribuiu a missão histórica e nacional de mudar as relações sociais herdadas dos tempos coloniais de modo a transformar a massa colonial em cidadãos livres e modernos. Entretanto esse extrato superior, que de muitas formas se beneficiava das iniquidades anteriores, rapidamente se oporia a essas mesmas mudanças modernizantes, além de ter sentimentos contraditórios em relação a elas. A polêmica a respeito da autenticidade nacional, que muitas vezes chegava à histeria, refletia essa espécie de ambivalência dos educados. E no entanto ocultava os verdadeiros problemas do progresso social, que nada têm a ver com a alternativa entre imitação e originalidade e obviamente supõem uma combinação das duas, assim como a ausência de progresso social. Em si mesma, a imitação não é boa nem ruim, e deve ser examinada em seus resultados, que podem aparecer como diferentes para as diferentes classes sociais.

ELC Você diz que Machado de Assis sabia imitar e usar outras culturas para falar do Brasil. Também fala de outros escritores que sabiam imitar. Por exemplo, no caso do romance, você diz que ele chegou aqui e às vezes era simplesmente imitado, mas depois apareceram aqueles que, como Machado de Assis, sabiam adaptá-lo ao Brasil.

RS Sim, no Brasil é preciso fazer uma distinção importante entre a relação judiciosa e a deslumbrada com a modernidade. Machado de Assis é um exemplo quase milagroso da primeira. Ele tem um olhar arguto – um pouco à maneira dos russos do século XIX – para as combinações grotescas e mesmo assim funcionais da modernidade e seus opostos, tais como escravidão e relações de favor, que estavam



no centro da vida brasileira. Além da comicidade dessas combinações extravagantes, ele também entendeu sua base histórica. Sua última reviravolta, que fez dele um escritor verdadeiramente superior, foi a de ter visto estes desajustes não apenas como sinais de atraso nacional, mas como traços essenciais da própria modernidade, do seu formalismo superficial, que facilmente se transforma em acobertamento da persistência dos males que o espírito moderno prometia erradicar.

Se dermos uma olhada nos escritores menores, os efeitos destrutivos de uma relação acrítica com as formas européias modernas são facilmente perceptíveis. Era perfeitamente natural que os brasileiros na segunda metade do século XIX tentassem escrever romances de acordo com o modelo francês, digamos Balzac. Qual era o resultado? Como todos sabemos, no centro do romance balzaquiano há uma figura muito forte que toma os ideais da sociedade burguesa ao pé da letra e quer dar-lhes realidade, o que também é uma forma de auto-realização. No processo, essas figuras precisam enfrentar as realidades do dinheiro e descobrem que a sonhada auto-realização não é possível, e essa é a lição a aprender: a sociedade burguesa não cumpre as suas mais alardeadas promessas. Esse modelo de narrativa exige personagens de força superior, mas que passam por um processo que também está em andamento nas vidas das figuras secundárias. As contradições centrais reverberam na periferia do enredo, produzindo um todo consistente, de imenso alcance crítico. Por outro lado, quando um escritor brasileiro, ávido por trazer a modernidade a seu país, tenta aplicar esse modelo às realidades locais, o resultado só pode ser diferente. Como o seu mestre, ele inventa um personagem central que enfrenta uma grande questão da sociedade burguesa de modo enérgico e consistente. Mas, em vista do contexto local, da cor local, os personagens secundários são “brasileiros”, e o resultado é que seu alcance e seus problemas são diferentes. Esses personagens fazem parte do mundo da escravidão e do paternalismo, no qual o favor – com seus meandros específicos de submissão, adulação e negociação – é a prática universal. Pois bem: se não há direitos individuais ou universais, se a única relação que existe é a dependência pessoal, quem seria idiota a ponto de se comportar absolutamente como um herói balzaquiano? Assim, a arquitetura do romance não funciona, porque a figura central, que é imitada de Balzac, não faz parte do mundo das figuras periféricas, que são imitadas da realidade local. Com isso a forma fica esfacelada. Aqui, novamente, a clarividência de Machado de Assis mostra que ele entendeu a verdade histórica desse desajuste e foi capaz de fazer um uso apropriado dele, transformando-o em comédia. A ambição incongruente de ser “moderno” como os personagens de um romance europeu e ao mesmo tempo “tradicional” e “chique” como um brasileiro bem posto tornou-se uma espécie de marca nacional estabilizada e em si mesmo um problema, com implicações do maior interesse. Essa combinação que é bastante absurda, e estava

na raiz do fracasso dos romancistas contemporâneos, tornou-se a base da força de Machado de Assis. Um bom exemplo de dialética literária. ELC O que me impressionou em sua análise de Machado de Assis foi que você tentou, em certo sentido, desconstruir o modelo europeu, a “originalidade” da Europa, dizendo que ela não funciona no Brasil. Se a Europa for uma “origem”, ela não funciona aqui. Parece-me que essa idéia não é lukacsiana, mas derrideana, apagamento e desconstrução da origem. Derrida ajudou na formulação dessa idéia?

RS O que me ajudou foi perceber que o modelo lukacsiano estaria fora do lugar no Brasil.

ELC Por que você pensa isso?

RS A presença de Lukács é básica no meu trabalho – como termo diferencial. Acho muito produtivo explorar em que sentido a sua construção é inadequada para a América Latina. E isso não é uma crítica. Lukács construiu um modelo para a história européia das idéias e do romance que depende da evolução histórica geral do feudalismo para o capitalismo e para o socialismo. É uma construção poderosa. Ele mostra como esse desenvolvimento funciona ativamente na obra de filósofos e romancistas. Se nos voltarmos para a América Latina, observaremos que essa seqüência não existe aqui e que, portanto, ela não é universal. Aqui a seqüência vai do colonialismo para uma tentativa de estado nacional. É um erro amplamente disseminado a tentativa de fazer esses termos coincidirem com feudalismo e capitalismo. Todos sabemos que o colonialismo e a escravidão colonial não vêm antes dos estados mercantilistas e que são um fenômeno inteiramente moderno. Por isso a relação é de ordem diferente.

ELC Há explorações similares desse problema colonial nas literaturas de outros países. Por exemplo, nos romances argelinos que começaram a ser escritos no início dos anos 60. Parece-me que esses romances magrebins podem ser lidos com apoio na teoria lukacsiana, e não consigo entender por que a mesma coisa não se poderia fazer histórica e estruturalmente com o romance brasileiro, os romances de Machado de Assis, e na ficção brasileira mais recente. Eu acho que mesmo a desconstrução da origem, de que falei antes, e a proibição da imitação podem ser justificadas pela teoria lukacsiana, particularmente quando se introduzem os conceitos de realismo e totalidade. É claro que não pode ser simples reprodução e uso de um modelo teórico, tem que haver adaptação e exame de cada situação específica.

RS Eu não estou dizendo que Lukács não inspira. O que eu digo é que não se pode tomar o esquema dele e aplicá-lo à realidade brasileira do mesmo jeito que se pode fazer na Europa. Isso não vale só para Lukács, vale até para Marx. A seqüência feudalismo, capitalismo e socialismo não funciona na América Latina pelo simples fato de que não houve feudalismo na América Latina, ainda que as elites latino-americanas adorem pensar-se como aristocráticas e ainda que a nossa esquerda adore insultá-las afirmando que são feudais. A história da



América Latina e, mais geralmente, das ex-colônias exige novos desenvolvimentos conceituais.

ELC Voltando à idéia de imitação. Nos seus ensaios tive a impressão de que o tipo de imitação que você recomenda poderia ser comparado àquele apoiado pela Pléiade no Renascimento. Du Bellay e seus companheiros poetas estudaram os clássicos do modo como me parece que você quer que os escritores brasileiros estudem e imitem os europeus. Seria uma espécie de “devoração”, uma absorção criteriosa do modelo cultural que favoreceria um desenvolvimento criativo de uma literatura nova, enriquecida e, espera-se, tipicamente brasileira.

RS Há um famoso escritor modernista no Brasil que propôs que a cultura brasileira fosse antropofágica. Ele queria dizer que nós devíamos devorar a cultura européia moderna para ficarmos em condições de elaborar a literatura brasileira moderna. Eu acho divertido o que ele dizia, e mesmo euforizante, mas isso não esclarece o que estava acontecendo. De fato, todos os países latino-americanos são parte do desenvolvimento do capitalismo como um todo, e mesmo assim o seu processo histórico é um tanto quanto diferente do processo clássico. A diferença tem que ser conceituada e ela não é relevante só para estes países, não só para esclarecer sua autenticidade ou originalidade; ela é parte efetiva e integral da sociedade capitalista contemporânea; é uma diferença interna. O fato de que os países latino-americanos não consigam progredir e alcançar os mesmos benefícios das sociedades de bem-estar não é simplesmente consequência do atraso ou falta de cultura, é um aspecto do desenvolvimento desigual da sociedade contemporânea, que tem aspectos oficiais e aspectos não admitidos. Essa complementaridade tem que ser conceituada. A diferença não é especificidade de um país. É um problema da sociedade moderna como um todo. A pobreza moderna é um problema da sociedade moderna em sentido amplo, não é exclusivo dos países pobres.

ELC Você não concorda que vocês têm mais em comum com países como o Paraguai, Chile ou Argentina do que com a França e a Alemanha? Quando você se encontra com teóricos de outros países sul-americanos, vocês não têm mais problemas e questões em comum do que com teóricos dos países europeus?

RS Sim e não. Há uma problemática comum aos latino-americanos, mas que não pode ser pensada sem referência aos europeus e norte-americanos, isto é, sem referência às conquistas e desastres dos pólos avançados da sociedade contemporânea.

ELC E quanto à ficção, o trabalho de criação?

RS Isso também depende de referências americanas e européias, que seria bobagem negar. Quando a dependência é produtiva, não há nada de degradante nela.

ELC O surrealismo teve representantes na América, especialmente no México.

RS Todo o modernismo teve muita influência: futurismo, cubismo,

expressionismo, surrealismo e assim por diante. O fascismo e o marxismo também.

ELC Seria interessante verificar o que um dado país fez do modelo, como o modificou. Isso revelaria a especificidade e a ideologia do país. Tal investigação seria bem lukacsiana: a análise de uma forma se desenvolvendo num contexto histórico e social. Não vejo nisso nenhum conflito com o método lukacsiano. A análise seria histórica, social, situacional, estrutural...

RS Em certa medida pode-se dizer que a análise de Lukács pressupõe, especialmente os ensaios dos anos 30, uma espécie de unidade da nação. Ele fala, por exemplo, do povo alemão, do povo francês e de desenvolvimentos nacionais. Isso pode ser um tributo ao socialismo – ou capitalismo – num só país. Em países como os nossos da América Latina, a unidade significativa não é nacional. Como provém de uma matriz colonial, eles pertencem a uma unidade que é transnacional desde o início e, para entendê-los direito, é preciso entender também aquele outro pólo; um pólo significativo de todos os países latino-americanos é externo. As formas culturais vêm de fora, pelo menos em parte, e a dependência econômica tem um pólo externo por definição. O contorno nacional não se completou e provavelmente não se completará. Até certo ponto, essas experiências são mais verdadeiras que as européias, porque as nações européias também não são unidades fechadas, embora pareçam. Aquele tipo de necessidade interna, orgânica, que Lukács expõe tão bem para as nações européias, sua luta de classes e sua cultura foi um modelo atuante e inevitável para a construção das nações latino-americanas. Mas como essas nações estão se desagregando antes de terem completado o processo, elas nos obrigam a reconhecer o que havia de ilusório no modelo. Se dermos só mais um passo adiante, conforme a autonomia nacional também vai perdendo a força nos países avançados, as perplexidades latino-americanas sobre ela começam a soar mais verdadeiras do que a confiança que ainda pode existir no Primeiro Mundo.

ELC Você ainda busca uma “necessidade interna”?

RS Sim, mas não em escala só nacional. Imagino uma espécie de sistema internacional sem o qual você não entende o Brasil.

ELC Você vê o Brasil como parte do mundo moderno. É uma coisa um tanto quanto surpreendente para mim. Esta é minha primeira viagem para a América do Sul e, para mim, naturalmente, o Brasil é um país muito diferente dos que conheci na América do Norte e na Europa. Eu morei em muitos dos “velhos” países e depois nos Estados Unidos. Por causa da quantidade de pobres, o Brasil parece muito um país socialmente em estado de matéria-prima, ou virgem, como queiram, mas no qual as teorias de Lukács poderiam encontrar terreno fértil. Há a necessidade de elevar um amplo contingente da população, se não a um nível igual, pelo menos a um nível que lhes permita viver. Da maneira como a vejo, a dialética hegeliano-marxista deveria ter imen-



so apelo para a maioria pobre da população brasileira. Você se considera um dialético?

RS Claro que sim.

ELC Eu também, mas acho a sua dialética pouco usual e muito interessante. Por exemplo, você contrapõe o local e o universal, sobrepõe coordenadas incongruentes, coisas que se chocam, até lingüisticamente. Por exemplo, quando um homem mais primitivo usa o imperfeito do subjuntivo para fazer graça, sarcasticamente, com a classe dominante². É uma espécie diferente de dialética lingüística, surpreendente. Já lhe disseram isso?

RS Não. Agradeço a observação.

ELC Quando comecei a ler o seu livro, fiquei imaginando o que você queria dizer com “fora do lugar”. Mais adiante encontram-se outras expressões do mesmo tipo, tais como “desajuste”, “deslocamento” etc., e em cada caso o termo negativo se transforma em uma noção positiva. Há muitos exemplos dessas inversões lingüísticas em seu trabalho. Elas me parecem uma característica da sua escrita: dialética no interior do próprio sistema lingüístico; uma abordagem irônica de seu próprio código, pode-se dizer. Já desde o título do livro, você põe em questão a lógica e o poder do signo lingüístico.

O que você pretende com tal dialética? Ela é bem diferente da de Lukács, que é a hegeliano-marxista, particularmente no sentido em que você parece não dar tanta ênfase à síntese e claramente critica as abordagens normativas, do tipo a que Lukács aderiu.

RS De acordo. Termos como “fora do lugar” e “desajuste” apontam para um desvio da norma européia (a norma que Lukács critica, valoriza e representa), e nesse primeiro sentido eles são negativos. Mas são também positivos, no sentido em que apontam para realidades estruturais que precisam ser examinadas a título próprio ou assumidas como materiais artísticos. Elas constituem dificuldades objetivas da cultura brasileira. Todos os países da periferia do capitalismo têm culturas extremamente dissonantes. A dissonância resulta da necessidade histórica de incorporar o que é novo nos países modernos e avançados e da não menos histórica necessidade de ser fiel às relações sociais locais. É isso que produz o torcicolo, a permanente falta de organicidade na vida cultural. Os escritores melhores descobrem que

as dissonâncias não são simples erros artísticos, que são ao contrário muito substantivas, que a substância do processo nacional está aí. Então eles começam a elaborá-las desenvolvendo um senso de humor que depende dessas dissonâncias.

ELC A propósito de realidade social e possibilidade de transformá-la, pergunto sobre a função e o valor do trabalho. Lukács admirava em Lenin a importância atribuída à função revolucionária do trabalho e seu papel na transformação social que eventualmente levaria a um estado mais igualitário e a uma melhoria geral da sociedade. Você dá um exemplo maravilhoso na personagem Dona Plácida (“A sorte dos pobres”, *Um mestre na periferia do capitalismo*, p. 98-104), na qual mostra o que chama “a mentalidade escravista brasileira” como problemática em relação ao valor do trabalho. Você apresenta o conceito de “favor” como típico dessa forma de relação social. Você acha que o trabalho no Brasil pode ser reabilitado – dado que numa sociedade escravista o valor do trabalho e a ética do trabalho não existem como os conhecemos e idealizamos nos países modernizados? E mais: você acha que o trabalho pode se tornar útil, valorizado e, em última análise, de proveito para os pobres em sua tentativa de romper o círculo vicioso de sua existência sub-humana atual? Em caso afirmativo, o que é preciso?

RS Como tudo o mais, o trabalho tem que ser considerado em termos históricos. O que Lenin tinha em mente era o valor educacional da disciplina na fábrica. Naquela época havia a impressão de que o trabalho industrial se tornaria amplamente dominante. Mas o processo de produção assumiu hoje um caráter excludente. Por isso, toda a questão até certo ponto perdeu a atualidade. Se você observar o Brasil, vai sentir intensamente que os pobres gostariam de trabalhar para entrar no mercado e conquistar um mínimo de reconhecimento social. Mas não há trabalho para eles. No local de trabalho moderno, necessita-se cada vez de menos gente, e os empregos exigem um grau de educação e especialização que não é acessível às grandes massas dos pobres no Brasil. Assim, pode-se dizer que em abstrato o trabalho pode ser pensado como um grande fator de educação, mas que isso não vai acontecer aqui. Não vai haver trabalho para todo o mundo.

ELC Estou pensando nos pobres nos Estados Unidos onde, por exemplo, meninas negras, ainda bem jovens, podiam trabalhar em casas de famílias ricas e, nesse ambiente, podiam adquirir maneiras muito refinadas e conhecimentos práticos que mais tarde as habilitavam a integrar a força de trabalho com mais facilidade do que os homens negros. Alguma coisa dessa ordem acontece no Brasil? As pessoas que vivem nas casas de papelão que vi no caminho do aeroporto rompem com aquele ambiente e se tornam, por exemplo, empregadas domésticas? Os homens trabalham como jardineiros ou motoristas? Eles trabalham para famílias burguesas?

RS Uma parte muito pequena, sim. Se houvesse trabalho decente

² Trata-se do ensaio “A carroça, o bonde e o poeta modernista”, publicado em *Que horas são* (São Paulo, Cia. das Letras, 1987, p. 11-28). Nota da entrevistadora: Aqui Roberto Schwarz analisa o que considera “uma fórmula poética bem sucedida para olhar o Brasil”, inventada por Oswald de Andrade. Este poeta modernista brasileiro justapõe em sua *Poesia Pau Brasil* elementos característicos do Brasil colonial pré-burguês aos do Brasil burguês pós-colonial para satirizar, por exemplo, a obsessão da classe superior erudita pela convenção lingüística “correta”. Se um homem não educado da classe inferior usa o imperfeito do subjuntivo, ele simboliza a realidade incongruente do país, do ponto de vista sociológico e lingüístico, e se torna um especialista em subverter convenções lingüísticas. De acordo com Schwarz, a *Poesia Pau Brasil* de Oswald de Andrade, dessa forma bastante otimista, prefigura a possibilidade de uma humanidade pós-burguesa.



na sociedade, suas vidas seriam muito melhores. O problema é precisamente que o processo moderno de trabalho tomou uma forma que os está descartando. Nos países avançados, aqueles que não conseguem trabalho ainda são cidadãos e é possível cuidar deles de alguma forma pelos mecanismos da seguridade social, e assim por diante. Mas, em países onde esses mecanismos não existem, as conseqüências são muito mais catastróficas.

ELC Vocês não têm legislação social que contemple os pobres?

RS Um pouquinho, mas muito, muito menos que em países avançados. Além disso, aqui nem toda lei produz conseqüências práticas.

ELC É interessante notar que os muito ricos não trabalham, nem os muito pobres; só a classe média trabalha. A pobreza no Brasil está ligada ao problema racial?

RS Sem dúvida inclui um problema racial. Os negros são em número muito maior entre os pobres.

ELC Como você explica que as idéias marxistas, socialistas e lukacsianas não tenham conduzido a uma situação melhor no Brasil, principalmente para os pobres?

RS Os anos em que a oposição de esquerda ganhou força no Brasil, digamos entre 1960 e 1964, foram um tempo ligado à pressão por reformas estruturais, especialmente com vistas à distribuição de terras. O movimento foi derrotado militarmente. Em 1964 sofremos um golpe militar. A ditadura foi claramente antipopular.

ELC Antipopular no sentido de que era contra os pobres?

RS Sim, era contra as organizações do povo: sindicatos, movimento estudantil, ligas camponesas, grupos de cultura popular, e assim por diante.

ELC Na resenha sobre o romance de Chico Buarque (*Seqüências brasileiras*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 178-181), achei fascinante a idéia de um homem rico descer toda a escala social rumo à completa marginalização³. Eu pensei nessa possibilidade em relação ao papel do intelectual que quer falar para os pobres. O intelectual deveria descer a escala social, e será que ele pode fazê-lo? Lukács e Sartre foram criticados por serem escritores burgueses fechados em seus escritórios sem saber muita coisa do que acontecia nas ruas de baixo de suas janelas. O que você pensa sobre isso? Você disse que nas próximas eleições está apoiando um candidato à presidência que é um trabalhador e você o prefere, apesar da possibilidade de ele não estar tão preparado para o cargo quanto o outro candidato. Você acredita em algum tipo de teoria do caos, no sentido em que uma sociedade

inicial, não sistematizada, um ambiente mais ou menos caótico, favoreceria a criação e a emergência de uma forma social mais justa e mais natural que poderia ser a solução para os problemas da nação e, em particular, para as massas pobres?

RS É verdade que toda grande mudança implica certos riscos e um pouco de caos, especialmente numa sociedade muito conservadora e consciente de seus privilégios. Já quanto à oposição entre o povo da rua e os intelectuais dos escritórios que você mencionou, ela pode ter perdido a atualidade. A falta de realidade na vida intelectual de hoje decorre de mudanças reais, da dificuldade de se atualizar criticamente em relação ao recente desenvolvimento do capitalismo global. Não me parece o caso de atribuí-la à falta de contato com o cotidiano das ruas.

ELC Você fala muito de realismo, mas nas suas análises de Machado de Assis acho que o que você chama de "realismo" está mais próximo do naturalismo. De alguma forma, Machado de Assis me lembra o "realismo mágico" de Garcia Márquez. A certa altura você diz que o realismo de Machado é um "realismo intensivo", o que me parece uma expressão aceitável para alguém que é fortemente influenciado pelos conceitos lukacsianos. A pergunta é até que ponto você concorda com os limites que Lukács estabelece entre o realismo e o naturalismo, por exemplo, no ensaio já referido, "Narrar ou descrever". Houve, no Brasil, realistas no sentido lukacsiano?

RS Houve romancistas que imitaram Balzac e que superficialmente seriam realistas no sentido lukacsiano. Mas seus romances não são de primeira linha e não dão certo pelas razões já mencionadas. Machado de Assis tinha muita clareza a respeito deles. Ele entendeu os pontos fracos desses romances e se empenhou em evitá-los. Machado escreveu num espírito profundamente realista.

ELC Zola também, não?

RS Machado de Assis é muito diferente de Zola, em quem ele certamente pensava como um concorrente a ser superado. Machado entendeu o que era a sociedade brasileira e achava que uma imitação direta da maneira francesa moderna não iria ser útil. Então ele procurou uma forma diferente de composição, mas para ser mais realista. Ele escreveu romances realistas, mas com técnicas anti-realistas. É um grande paradoxo.

ELC Em que sentido você diz anti-realista?

RS Numa época de proeminência absoluta de Balzac, Flaubert e Zola, Machado usou técnicas do romance do século XVIII, especialmente de Sterne, técnicas que pareciam capricho e anti-científicas.

ELC Ele gostava de Diderot?

RS Gostava. Ele aprendeu e tirou muita coisa dele. Assim, ele usava técnicas pré-realistas do século XVIII, mas com ânimo profundamente realista e do século XIX, sem nunca perder de vista as realidades balzaquianas. Isso é interessante, porque você vê em funcionamento

³ Trata-se do romance *Estorvo*, que narra as experiências apocalípticas de um alienado descendente de família rica, cuja vida como vagabundo leva à suspensão do julgamento moral, à apatia e à completa marginalização social. Sua fuga da sociedade burguesa não tem resultado positivo. "O monstruoso toma conta [...] Esta disposição absurda de continuar igual em circunstâncias impossíveis é a forte metáfora que Chico Buarque inventou para o Brasil contemporâneo". (Nota da entrevistadora).



uma política muito firme na escolha das formas e modelos literários. Além disso, as formas são postas para funcionar num espírito muito diferente do original. É como se a escolha arbitrária das técnicas narrativas “arcaicas” desse a Machado a liberdade de que ele necessitava para configurar as especificidades da sociedade brasileira, que seriam suprimidas pela pressão da moda francesa contemporânea.

ELC Há menos detalhismo e exageros que no romance naturalista? Ele é menos pessimista? Você diria que esse romance é experimental?

RS Há inúmeros experimentos, sem dúvida. E Machado é extremamente pessimista.

ELC Mas você ainda acha que não é igual aos romances de Zola?

RS Não, não é mesmo, embora Machado tivesse uma inclinação fortemente científica. À primeira vista seus romances parecem pré-realistas, pós-naturalistas e de vanguarda. No entanto, o espírito é realista e o objetivo é captar o aspecto específico da realidade e da vida social brasileiras.

ELC Então a diferença que Lukács estabelece entre narrar e descrever não pode ser aplicada aqui. Você acha que Machado mais narrou que descreveu no sentido lukacsiano?

RS Eu acho que Machado criou uma forma que Lukács consideraria boa, mas que não cabe nas alternativas que são descritas em “Narrar ou descrever”.

ELC Você sabe se Lukács leu Machado?

RS Acho que não. Mas essa dificuldade com conceitos críticos de que estamos falando é muito interessante e reveladora em si mesma. O naturalismo no Brasil não significa a mesma coisa que significou na Europa, nem o realismo, o parnasianismo ou o modernismo. É uma questão geral que não se pode perder de vista quando se faz crítica ou história literária na América Latina. É preciso estudar o que acontece com os modelos europeus depois que eles passam pelo filtro das novas circunstâncias. Não é má idéia imaginar que eles podem sofrer modificações essenciais, o que seria muito natural, uma vez que as sociedades coloniais ou ex-coloniais são diferentes das metropolitanas na estrutura.

ELC Então, para você, os conceitos lukacsianos são inúteis?

RS Muito pelo contrário! Mas você precisa usá-los de modo diferencial. Como eles são adequados à história européia e muito explícitos em seus pressupostos nela enraizados, eles podem ajudar precisamente para nos dar consciência das diferenças que são o nosso problema fundamental. Essas diferenças têm significado histórico-mundial. Elas estão no coração da literatura latino-americana e a tarefa da nossa crítica é explicitá-las. O crítico precisa conhecer o significado europeu do modelo, as mudanças que ele sofreu na América, e precisa elaborar uma interpretação da diferença que seja convincente e – para usar um termo que saiu de moda e está fazendo falta – totalizante. Evidentemente essas questões também valem para a literatura norte-americana.

ELC Para Lukács era muito importante que um romance realista visasse uma totalidade. Você acha que Machado estava preocupado em projetar uma totalidade realista?

RS Até certo ponto. Seus romances são secretamente bem arquitetados. Apesar de seu curso ostensivamente errático e fragmentário, que por assim dizer não leva a nada, eles têm uma espécie de complexidade sociológica, um sistema social completo de tipos sociais. A ausência de uma direção definida, que parece tão modernista e que de fato é desconcertante, pode ser um dos seus grandes feitos realistas (balzaquianos).

ELC Há críticos que aceitam e usam os conceitos lukacsianos para analisar a literatura brasileira?

RS Você quer dizer críticos que o tomam ao pé da letra? Sim, existem. Nós discordamos, e mesmo assim somos muito bons amigos.

ELC Eu vi uma diferença mas também alguma similaridade em seu trabalho em relação ao uso que Lukács faz da ironia como elemento constitutivo da forma romance. A ironia, como se sabe, opera num duplo nível, tem uma estrutura dupla. Mas enquanto em Lukács a ironia era um elemento muito sério, um instrumento crítico extremamente sério, eu acho que em suas análises, particularmente de Machado de Assis, a ironia muitas vezes foi substituída pelo humor. O humor parece ter assumido a função constitutiva, mas também crítica, da ironia no sentido lukacsiano. Você concorda com isso?

RS Pode ser. Machado sempre mantém uma certa distância em relação a seu assunto. Essa distância, meio brincalhona, meio maldosa, é o que permite a ele ver todas as situações de diferentes ângulos, ora do europeu ora do local, ora de cima ora de baixo. Essas mudanças de ângulo produzem uma ironia vertiginosa, que é muito objetiva e de espírito muito realista porque dá expressão sucessiva e sutil às posições essenciais do processo social.

ELC Ele parece bem humorado, leve, mas é sério.

RS Na verdade, terrível, depois que você entende.

ELC Antes de vir para cá, me disseram que o brasileiro tem um maravilhoso senso de humor. Acho que é verdade e, quando usam o humor, ao mesmo tempo fica muito parecido com a ironia. Não é tão diferente. Ou talvez os brasileiros não se levem a sério, ao contrário de Lukács, que era um homem muito sério.

RS Machado de Assis era sério com toda certeza, de uma seriedade de derrubar. Um poeta brasileiro que antipatizava com essa severidade achava que ele era muito protestante, um praticante excessivo do auto-exame. Nesse sentido ele não é um brasileiro típico, e não há muitos escritores brasileiros como ele.

ELC Alguns de seus termos: “volubilidade” e as expressões “o vaivém que sintetiza o vexame de uma nação”, “a incongruência ideológica e moral imposta pelo mundo contemporâneo”, o ritmo típico do romance brasileiro tal como você descreve, até seu caráter “caprichoso”



(Complexo, moderno, nacional e negativo, in *Que horas são?*, p. 125). Todos eles podem ser relacionados à estrutura dialética da ironia. Talvez esse movimento um tanto quanto leve, bem humorado e oscilante seja precisamente a forma da dialética brasileira, a dialética do romance brasileiro.

RS É isso. E, mais uma vez, essa ironia é realista porque transita entre pontos de vista que são substanciais para a vida no país: existe o ponto de vista europeu “liberal” ou “moderno” que acompanha as classes dominantes ostensivamente civilizadas e que no entanto faz com que elas pareçam caricaturas por sua inadequação; é claro que o ponto de vista europeu também parece uma caricatura por sua pomposa superficialidade, que ainda é destacada pela ocasional presença de escravidão; existe o ponto de vista do pobre que flutua num terrível vazio social, pois nem são escravos nem trabalhadores assalariados, isto é, nada substantivo, e dependentes da ocasional simpatia dos proprietários, um tipo de incerteza que pesa como uma lei cruel. Etcétera, etc. Há então uma variação de pontos de vista que produz um tipo extraordinário de prosa irônica. Há muitos brasileiros que cultivaram essa “volatilidade”, cada um à sua maneira, e ela pode muito bem ser complementar, de um modo perverso, à horrenda estabilidade da nossa desigualdade social. É uma prosa muito ágil e desestabilizadora, muito interessante artisticamente.

ELC A música e o teatro também parecem importantes em suas análises. Você sabe que Lukács, já em 1904, foi um dos fundadores do teatro livre de Budapeste, a Companhia Talia, onde foram encenadas várias das peças de crítica social de Hauptmann e Ibsen. Lukács queria conscientizar a população dos problemas sociais. Você acha que os brasileiros privilegiam a música, a dança e o teatro como meios de comunicação popular para expressar o que está errado em suas vidas? Esta pode ser apenas outra expressão tipicamente brasileira, mas em algum lugar você diz que a música tem a vantagem de evitar a “palavra”. Em vista da recente desconstrução do signo lingüístico, achei esse ponto interessante. Isso também pode estar ligado à tradição do “teatro da crueldade” de Antonin Artaud. Parece que especialmente no Brasil essa forma de comunicação e crítica não verbal pode ser muito apropriada, muito mais que na socialmente bem assentada Viena ou Budapeste de Lukács no início do século XX. A dança, a música e o gesto teatral constituem uma forma diferente de comunicar o pensamento, inspirada nas necessidades ou preferências de um determinado povo ou situação.

RS Na verdade, o uso da música e da dança como forma importante de crítica social não foi uma preferência pessoal minha. Ele floresceu imediatamente depois que se instalou a ditadura em 1964. As pessoas queriam expressar sua oposição de uma forma que não as levasse para a cadeia. Assim a música, a dança e uma espécie oblíqua de teatro político se tornaram bandeiras da oposição. A censura primeiro teve

que adaptar-se a elas para poder decidir o que era aceitável e por quê. Por isso a ausência de palavras foi uma camuflagem que além disso abriu caminho para uma convergência entre os desenvolvimentos artísticos locais e a moda internacional do teatro não verbal.

ELC O teatro sempre avança em tempos de revolução, como por exemplo na Revolução de 1789 na França, e novamente em 1968, durante a crise de maio, quando Mnouchkine e outros desenvolveram o *Théâtre du Soleil* em Avignon. É interessante o paralelo com o fenômeno brasileiro.

Há outro conceito revolucionário de Lukács, o do fetichismo, desenvolvido a partir da teoria marxista do fetichismo da mercadoria que eu acho que você atualizou e fez avançar mais um passo, para o contexto especificamente moderno, ao levar em conta os todo-poderosos meios de comunicação. Você escreve: “Como seria a cultura popular se fosse possível isolá-la dos interesses comerciais e particularmente dos meios de comunicação de massa?” (Nacional por subtração, in *Que horas são?*, p. 32). Lukács teve alguma influência nessa proposição?

RS Essa questão da preservação da cultura popular não expressava o meu ponto de vista, mas o de uma parte da esquerda, que se pode classificar como os puristas da cultura popular; um ponto de vista que se desenvolveu a partir das esperanças revolucionárias dos anos 60. Era uma idéia completamente mítica. Havia a esperança de que, uma vez barrada a influência imperialista (mercantilização, novas tecnologias, *american way of life*), assim como os preconceitos elitistas contra o povo, estaria aberto o caminho para o desenvolvimento da cultura nacional popular autêntica, liberta de todos os pecados e alienações da vida moderna. O argumento pode estar um pouco simplificado mas era disso que se tratava. De qualquer modo, é interessante observar que na época, uma vez que a mídia ainda não tinha avançado sobre a alta cultura, os intelectuais sentiam-se livres para “libertar” os pobres da ditadura, do rádio e da televisão. Hoje a idéia de uma cultura que não seja mercadoria tornou-se impensável.

ELC Em nossa era pós-moderna estamos totalmente escravizados pela mídia e pelas mercadorias.

RS E por isso mesmo é muito interessante ver que há não muito tempo, digamos trinta anos, o horizonte em países atrasados como o Brasil era completamente diferente. Ainda havia formas de cultura que estavam relativamente livres da mercantilização. Mas quando se fala com estudantes sobre isso, agora, eles não podem imaginar como aquelas formas populares a serem preservadas poderiam apontar para o socialismo ou para a liberdade. Dito isso, a teoria do fetichismo das mercadorias de Lukács em *História e consciência de classe* é sem dúvida a contribuição mais importante dele e a mais moderna. Sua formulação teórica para mim ainda está inteiramente viva. Por outro lado, hoje os escritos sobre consciência de classe dão a impressão de mito-



logia, porque estão ligados a uma visão do proletariado que foi desmentida pela história.

ELC Um dos capítulos mais impressionantes de *Misplaced Ideas* é “Existe uma estética do Terceiro Mundo?”. É bem curtinho (*Que horas são?*, p. 127-128). Basicamente você diz que não há estética do terceiro mundo. Há uma estética brasileira? Você se opõe à idéia de estética assim como a normas e sistemas?

RS Mas houve uma estética terceiro-mundista. Era uma combinação de tópicos libertários e autoritários, de nacionalismo e internacionalismo, de vanguarda e regressão artística, e tinha a esperança de escapar à alternativa capitalismo ou socialismo. Seu caráter libertário decorria dos melhores motivos do anti-imperialismo: reivindicava a autodeterminação e o respeito pelas nações oprimidas; ele expressava o desejo de superar a estagnação e o atraso e, nessa medida, tinha alguma coisa do épico da humanidade por oposição ao recorte individualista e um tanto quanto irrelevante da cultura burguesa. Mas, por outro lado, como essa estética estava intimamente ligada a poderosos empenhos nacionalistas, tinha em si mesma definitivamente alguma coisa de autoritário, alguma coisa abertamente positiva e anticrítica, uma disponibilidade para o sacrifício individual, uma profunda simpatia pelas brutalidades exercidas em nome da História etc. Por isso, não é que não tenha existido uma estética do terceiro mundo, tratava-se de examiná-la criticamente.

ELC Eu achei que suas reservas pudessem estar ligadas ao fato de você não gostar de normas. Nesse capítulo você também deve discordar de Lukács, já que ele sempre tenta enquadrar idéias e processos em normas. Em certo sentido uma estética é uma norma.

RS Mas isso é outro problema. É claro que não sou a favor da estética normativa de Lukács. Ela está tão distante da arte e da sociedade moderna que é muito difícil levá-la em conta, salvo por doutrinismo. Algo de similar pode ser dito de sua teoria geral dos gêneros, segundo a qual toda a literatura moderna se desenvolveu contra a norma clássica, que é o ponto de referência. Por razões extravagantes – mas ele não estava sozinho – Lukács continuou como um classicista em meio à revolução social, a quilômetros de distância de tudo o que estava acontecendo. Isso é mesmo intrigante e surpreendente, vindo de uma inteligência histórica tão notável, de um homem que entendeu e explicou melhor do que a maioria dos outros o caráter histórico das formas literárias.

ELC Ele é normativo e rígido.

RS Mas as suas melhores obras de crítica não sofrem dessa normatividade abstrata. Elas expõem a efetiva organização de romances ou dramas e são muito esclarecedoras sobre seu caráter e significado histórico. Nisso ele é realmente excelente. Por outro lado, pode ser que o normativismo tenha sido a razão do apreço dos críticos latino-americanos por ele. Como já disse antes, pela própria natureza das coisas,

nós transformamos em norma os desenvolvimentos europeus. Para nós suas formas são canônicas: o parlamentarismo inglês, a racionalização do trabalho, a poesia francesa etc. etc. inevitavelmente assumem uma espécie de *status* “clássico” nas sociedades periféricas. Posso estar errado, mas acho que no Brasil essas tendências favorecem uma notável afinidade eletiva com o doutrinismo da estética lukacsiana.

ELC Falando em modelos, acho que em certa medida você encontrou um modelo em Anatol Rosenfeld, a quem dedica um capítulo de *Misplaced Ideas* (“Anatol Rosenfeld, um intelectual estrangeiro”, in *O pai de família*, p. 99-109). Parece-me que ele é um pouco o seu irmão de fé, que também impediu que você caísse nas garras de Lukács e do mundo normativo.

RS Você tem razão: ele se irritava muito com Lukács.

ELC Tinha certeza, pois ele lamenta muito a importância que Lukács atribuía à chamada perda de perspectiva do romance moderno “irracional” (*O pai de família*, p. 106). Em sua exposição, Rosenfeld era um homem “livre de imposturas sociais”, livre de normas, escolas e de tudo o que pudesse limitar a sua própria individualidade. Nesse ponto, acho que ele está próximo de você, por essa “racionalidade elementar” informada por um aprendizado amplo e pela compreensão das relações, que ao mesmo tempo é guiada por uma necessidade e um engajamento profundos com a liberdade. Você mesmo parece praticar uma espécie de “inapetência” teórica, mas de repente apresenta seu pensamento e juízo independente. Você não parece adotar uma teoria ou outra, como nos nossos dias é comum entre acadêmicos, preferindo antes seu próprio caminho.

RS Bondade sua. Mas deixando de lado a minha parte na comparação, você falou de algo que realmente existiu. É verdade que por todo um período no Brasil os marxistas eram lukacsianos, althusserianos ou trotskistas, e que se avaliavam mutuamente segundo essas filiações. Depois de um período de elaboração, uma parte deles, nem todos, deparou com problemas postos pela história e demandando estudos específicos e respostas fora do mapa preexistente. Quando alguém identifica um problema e tenta resolvê-lo por conta própria, ao invés de seguir esta ou aquela escola, então dá um passo adiante.

ELC Nós falamos bastante de Lukács e nada da Escola de Frankfurt, que pode ter influenciado seu pensamento muito mais que Lukács. Você se sente mais próximo de Adorno, Benjamin, e dos frankfurtianos em geral, do que de Lukács?

RS Não tenho dúvida. No entanto, devo muito a Lukács: devo a ele meu esquema do romance europeu. Como ficou dito, sua construção não corresponde às realidades brasileiras. Porém, como é uma notável formulação das grandes linhas da história social e literária europeia, ela faz ver os pontos em que a sociedade e a cultura brasileira se desvia de seus muito estimados modelos europeus. Esses desvios eram dolorosamente percebidos pelos contemporâneos, que os viam como



falhas nacionais e, nos melhores casos, as transformavam em elementos de crítica social e de produção artística. Como meu interesse era examinar essas questões, os estudos de Lukács sobre o romance entraram de modo substancial, ainda que negativo, em meu trabalho. Mas, voltando à sua questão, agora eu prefiro buscar alguma complementaridade entre Lukács, Benjamin e Adorno a descartar um ou dois deles. Em suas obras dos anos 30, se deixarmos de lado seu tributo ao stalinismo, Lukács tem coisas interessantes a dizer sobre as relações entre luta de classes e composição literária. Adorno, por sua vez, concentrou-se no avanço do fetichismo, dando continuidade ao capítulo central de *História e consciência de classe*. A meu ver, a descrição adorniana da sociedade moderna é mais esclarecedora que a de Lukács, embora aparentemente menos política. Ele também era mais jovem, é bom lembrar, e participou de um momento posterior da história do capitalismo, do socialismo e da arte. Benjamin, por sua vez, fez a exposição pioneira das consequências artísticas do desenvolvimento das forças produtivas. O argumento pode parecer salomônico, mas é verdade que cada um deles tinha um enfoque diferente. Um se volta para o desenvolvimento das forças produtivas, o outro para a alienação, e o terceiro para a luta de classes. Os três aspectos ainda existem, todos mudaram tremendamente e não me parece produtivo escolher exclusivamente um lado.

ELC Eu acho que no livro você dá mais um passo em relação a cada um deles. Por exemplo: você incorporou à sua crítica até mesmo os mais recentes desenvolvimentos das teorias lingüísticas que Lukács não poderia ter conhecido. Você tem muita consciência estilística, Lukács não tinha.

RS Esse é um problema em Lukács. Ele realmente não se preocupa com a prosa. Ele é muito bom em composição, mas não em prosa. No entanto, é preciso examinar a prosa, especialmente na literatura moderna em que tudo acontece na própria escrita, em certa medida às expensas da ação.

ELC Em compensação, Lukács é imbatível em análise de conteúdo, mesmo quando não admite. Ele diz que trabalha mais com forma do que com conteúdo. Eu acho que Lukács é especialmente bom na produção de uma compreensão global dos processos e em contrapor movimentos literários. Para mim ele foi muito importante na definição do romantismo, do realismo e do naturalismo europeus. Menos por apresentar exemplos literários convincentes do que por sua caracterização geral dos movimentos em relação a seu contexto histórico.

RS Eu acho que Lukács está certo quando insiste em que trabalha com a forma. Suas análises de conteúdo sempre levam a consequências composicionais. Nesse sentido, ele procura as energias formais do conteúdo, verificando a consistência de sua realização literária. Também em Balzac, suas análises dos "tipos" e seu valor composicional são sempre muito interessantes.

ELC As análises do "herói problemático"? Isso me leva à próxima pergunta. Em boa parte do livro você parece assumir o papel de um herói transindividual, um herói lukacsiano que vai à luta por aquilo que Lukács chamaria "uma casa" para o Brasil, na forma de uma identidade brasileira mais autêntica, uma "harmonia", como você diz, "entre a necessidade vital e a espiritual" ("Anatol Rosenfeld, um intelectual estrangeiro, in *O pai de família*, p. 107"). É um objetivo deste mundo, e nesse sentido acho que seu trabalho representa bem o que eu chamaria crítica funcional. Seu interesse por teorias lingüísticas não parece cair no niilismo das conclusões lingüísticas recentes. As desconstruções de Derrida normalmente resultam em proposições que implicam que não se pode realmente atingir a verdade ou dizer nada de verdadeiro e realista sobre o homem e a sociedade por causa das limitações do sistema lingüístico. Por outro lado, a sua crítica claramente expressa uma preocupação humanística e ética. Você combate o sofrimento humano e a injustiça social.

RS Upa!

ELC Como já estamos terminando, quero perguntar o quanto você se inspirou em Lukács em seu trabalho de crítico e se você acha que Lukács continuará a ser útil para os críticos brasileiros e se ainda inspira isso que eu chamo "crítica funcional" no futuro.

RS Por experiência própria, eu sei que a leitura de Lukács pode produzir um impacto forte. O jovem leitor pode aprender que o principal a interpretar numa obra de arte é a forma, mais que o conteúdo, e que a forma, por sua vez, deve ser interpretada em termos sociais. Isso é uma palavra de ordem fácil de dizer, difícil de praticar. Ele também pode ver que a interpretação da forma vale o esforço. Se ela for interpretada em termos de história social, serão descobertas relações entre o belo artístico e questões sociais que são interessantes e valem a pena. Lukács tem uma concepção muito forte e exigente do que constitui uma obra literária. As configurações, a busca inventiva da forma apropriada para o conteúdo, são consideradas ao mesmo tempo tarefa difícil e grande realização. E se o crítico for capaz de interpretar a forma artística e literária, dando-lhe o seu conceito, ele vai dizer coisas relevantes. Assim, Lukács atribui ao crítico uma missão importante, da qual eu gosto muito.

ELC Em que você pensa, quando pensa em Lukács? Em qual das suas teorias? Que contribuição dele continuará fértil no futuro?

RS Como disse, acho que o capítulo dele sobre o fetichismo não se esgotou. A tese de que toda a sociedade moderna gira em torno do fetichismo da mercadoria e que esta é uma forma "racional" que nos cega para a realidade e que constitui um limite que é perigoso transgredir continua muito verdadeira. É claro que, como tudo o mais, o fetichismo mudou desde então. Por exemplo, nos países latino-americanos, mas também na Europa, ninguém mais acha que as mercadorias são "naturais", no sentido criticado por Marx e Lukács. Muitos países



tentaram mexer nas leis da economia e inúmeros planos econômicos foram experimentados. O Brasil acabou de mudar a sua unidade monetária. Assim, não há mais nada "natural" para o capital; sua natureza de criação humana é óbvia para qualquer criança, e no entanto a cada dia que passa, e apesar de todas as catástrofes, o capital parece mais e mais insuperável. Ninguém se arrisca a pensar para além da troca de mercadorias. É uma situação extrema em que ninguém mais respeita as formas básicas da economia mas não se permite pensar em alternativas. Isso me parece o limite dos limites da nossa sociedade, e a sua crítica é uma tarefa radical para a qual eu acho que o capítulo de Lukács sobre o fetichismo ainda pode dar inspiração.

ELC Você leu e usou o primeiro Lukács ou se limitou às suas teorias posteriores?

RS Eu li *A alma e as formas* e a *Teoria do romance* e reconheço a sua qualidade superior. Mas os ensaios dos anos 30 sobre o século XIX europeu foram mais úteis para o meu trabalho com a literatura brasileira oitocentista. A propaganda comunista pesada que Lukács deliberadamente acrescentava a seu texto é dura de engolir, mas os ensaios movimentam muito conhecimento e têm muitos achados. Não há muitos críticos que possam ser comparados a Lukács.

ELC Você acha que Lukács vai continuar importante para você e para a crítica literária brasileira em geral?

RS Uma coisa que me impressiona muito, e acho que alguém deveria escrever a respeito, é a sua concepção do realismo do século XIX. A moda atual é ver o realismo como simples *trompe l'oeil*, como um *effet de réalité* retórico, como resultado de alguns truques de prosa. Isso é uma pobreza. A visão que Lukács tem do realismo, não como um tipo de registro fotográfico da realidade, mas como uma complexa construção formal inventada em vista das novas formas de sociedade, é muito mais interessante. É um pensamento profundo e importante, ao qual pouca pesquisa acadêmica foi dedicada.

ELC Isso é verdade para os últimos dez a quinze anos, mas acho que ele está voltando à ordem do dia.

RS Não é fácil imaginar o que vai acontecer com um crítico comunista dessa estatura agora que o comunismo não existe mais. Eu continuo pensando que as discussões de Lukács sobre forma vão permanecer como fonte de inspiração. Lendo-as, dá vontade de experimentar a mão por conta própria. Elas estimulam o leitor a imaginar que forma seria apropriada para dar conta desse ou daquele aspecto da vida moderna. As discussões esclarecidas e bem informadas sobre a adequação da forma ao conteúdo despertam a inteligência artística do leitor. Embora os escritos sejam sempre um pouco áridos, "professorais" como os qualificou, acertadamente, Adorno, eles não são estéreis.

ELC Os lingüistas contemporâneos e os pragmatistas como Richard Rorty descartam o realismo como simples *fato lingüístico*. Você, ao contrário, parece acreditar que a linguagem pode ser útil na identifi-

cação e explicação de problemas sociais e pode ter uma função realista. Lukács nunca fez essa pergunta.

RS Para ele soaria como um despropósito!

ELC É claro, ele nunca questionou a linguagem como meio de comunicação. Por isso eu acho muito interessante que você, que conhece bem as teorias lingüísticas contemporâneas, tenha apontado o conceito lukacsiano de realismo como a contribuição mais duradoura e inspiradora para o futuro da crítica literária.

Muito obrigada pela entrevista.